

Na estaca zero

A moratória brasileira, da variedade unilateral, acaba de completar noventa dias de vida, paixão e sorte. Muita sorte. Até agora, não fomos retaliados pelos credores fraudulentos. Bem ao contrário, os bancos privados, liderados pelo Citicorp, preferem assumir o prejuízo contábil (meramente escritural) da interrupção do "serviço da dívida" pelo seu mutuário mais amado. Até fevereiro, o Brasil estava cadastrado nos bancos do mundo não apenas como maior devedor, mas também como o melhor pagador.

Até quando vai essa moratória sem data marcada? Até a celebração de um novo contrato global, em bases realmente favorecidas ou diferenciadas. O Brasil espera faturar sua imagem de melhor risco econômico do planeta da dívida. Vai dar para sacar esse acordo ainda este ano? Nem o Papa, que também deve e que fala com Deus, que é brasileiro, tem a resposta.

Caiu no vazio

Os bancos credores não conseguiram conversar diretamente com o ex-ministro Dilson Funaro e ainda não foram apresentados ao ministro Bresser Pereira. Inventada exatamente para precipitar a renegociação dos contratos da

dívida, a moratória brasileira permanece estacionada no silêncio, no imobilismo, na falta de diálogo.

Os dois lados disfarçam, mas têm muita pressa na solução negociada do impasse consumado. Os bancos credores estão perdendo dinheiro e contabilizando prejuízos — ao mesmo tempo em que se obrigam a "facilitar" a vida de outros mutuários não menos atropelados e de olho gordo no exemplo brasileiro. E o Brasil bem que gostaria de remover o constrangimento das contas externas para a armadura de alguma coisa parecida com política de ajustes internos.

Decorridos 90 dias da decretação unilateral da moratória externa, as partes ainda não se conversaram. A quem interessa tamanho imobilismo sobre decisão tão transcendental?

Beco sem saída

Temos explicação para a moratória unilateral, decretada com pelo menos dois anos de atraso: o Brasil não mais consegue honrar os termos do "serviço da dívida" e não pensa em continuar na sustentável posição de doador líquido de poupança. Ainda que obrigado a fazê-lo, não mais teria como "fazer dólares" para bancar o serviço da di-

vida: 1) as reservas esfuçaram-se de vez no banquete consumerista do plano cruzado; 2) os saldos comerciais exibem uma redução anual que vai de um terço à metade; 3) e os amados credores não pretendem colocar mais dinheiro bom sobre o dinheiro declarado ruim, refinanciando o serviço da dívida.

Tecnicamente, estamos inadimplentes. Se não do ponto de vista econômico ou mesmo financeiro, com certeza do ponto de vista estritamente cambial. A dívida só pode ser paga em moeda forte, a do credor. E a nossa querida Casa da Moeda não se atreve a emitir dólares, libras, marcos, francos, liras, florins ou ienes.

O primeiro passo

O que não temos explicação é para o imobilismo da negociação. A moratória coloca os entendimentos com o bloco credor sobre um fato consumado: não podemos pagar nos termos contratados e fim de linha.

Por que não colocar as coisas nesse diapasão lá mesmo em Nova York, onde a onça bebe água? Ou será que vamos esperar por uma fila indiana de banqueiros, em Brasília, puxada por John Reed, do Citicorp, que fala português como sotaque paulistano?

A barata tonta

Para o economista Edmar Bacha, da PUC-RJ, a letargia brasileira é menos uma postura de esnobação política e mais uma confissão de barata tonta: não temos um plano econômico consistente para resgatar nossa ficha cadastral na comunidade financeira internacional e não temos sequer um projeto razoável para o próprio serviço da dívida que se pretende amaciado.

Proclamar simplesmente que não mais queremos pagar a dívida com a miséria do povo, que só nos interessa um acordo plurianual que reduza os pagamentos vencidos e não cancele os refinanciamentos novos, que não machuque a soberania nacional nem restabeleça a ditadura do Fundo Monetário Internacional — tudo isso fica bem no discurso, mas não garante qualquer recurso.

Um dos autores do Plano Cruzado mal executado, Edmar Bacha observa que o Brasil recusa-se a sentar à mesa da renegociação "esperando não sei bem o que". A moratória brasileira, segundo ele, só serviu, até agora, para aliviar o serviço renegociado da dívida argentina e da dívida mexicana...